

O artista é a obra

Laura Erber

Um garoto em Flims: inventa mundos pelos corredores de um hotel alpino comandado por mulheres. Frequentemente perde a hora do jantar, mas não é grave. Um garoto na periferia industrial de uma cidade russa: enquanto cresce vai sendo atingido pela beleza bruta do coração dos bêbados, dos *gangsters* e dos cachorros mancos. Outro garoto, um canadense, filho único: detesta ir a escola, a hora do recreio lhe parece um momento infernal de sociabilidade forçada, bastam-lhe a cumplicidade silenciosa do cachorro Nick e a voz do seu piano. No início do século passado: uma menina passeia pelas ruas Choisy-le-Roi com o pai e a governanta. Aquelas tardes, aquela cumplicidade perversa, o terror de carregar segredos perversos formará a matéria vibrante na cabeça da velha na qual a menina se transformará. Um garoto em Nova Iorque: o pai interdita certas coisas: brincadeiras na rua e formar frases, por exemplo; aos quatro anos o menino brinca com as palavras, só pensa em sair dali. Um filho de imigrantes alemães em Milwaukee: nos intervalos do treino de beisebol ele observa a paisagem, o fluxo do tempo, pouco a pouco percebe que há algo de trágico e maravilhoso naqueles grandes espaços vazios. O que aproxima essas crianças não é tanto a solidão, um evento traumático ou uma genialidade precoce, mas o fato de que todas elas acabaram se tornando artistas. E o que ainda resta, apesar de todos os abusos, dessa palavra gasta, incerta e tão pouco confiável nos dias que correm? Diante da impossibilidade de oferecer uma definição pacificadora para a pergunta “o que é um artista?” o cinema se apresenta como um dispositivo particularmente potente, capaz de nos colocar muito próximos dos pensamentos e da vida desses a quem chamamos artistas.

Desde os seus primórdios, o cinema foi fascinado pelas outras artes - a dançarina da serpentina, mágicos, palhaços e atores-acrobatas do teatro popular foram os primeiros figuras transpostas para a telas dos nickelodeons. Pois foi também da vontade de interrogar o artista que surgiu o festival *Doku.Arts* que apresenta uma seleção de seis títulos no Instituto Moreira Salles, no ano em que irá dedicar, em setembro próximo, em Berlim, uma coleção de documentários brasileiros. Concebido pelo ator e diretor alemão Andreas Lewin o festival dedica-se a exibir exclusivamente filmes documentais que têm como tema a arte e os artistas, de todas as áreas e de preferência pouco conhecidos do grande público.

Desde a sua criação em 2006 o *Doku.Arts* já recebeu convidados como Agnès Varda, Shirin Neshat, Olivier Assayas, Helmut Lachenmann e Bruno Monsiegeon, para citar apenas alguns nomes. A idéia de criar um festival com recorte tão específico surgiu depois que o próprio Lewin decidiu interrogar mais a fundo a trajetória enigmática do ator Klaus Kammer, falecido aos 34 anos em circunstâncias obscuras e responsável por uma das mais brilhantes interpretações do texto de Kafka *Relatório para uma academia*. O projeto resultou no longa *Er spielte seinen Schatten mit (Ele interpretava sua sombra)* e despertou o interesse de Lewin pela produção de filmes sobre atores feitos por atores ou que de algum modo se arriscavam além da zona de conforto dos portraits jornalísticos de celebridades. *Doku.Arts* é hoje o único festival europeu dessa importância devotado exclusivamente à rica produção de filmes (e vídeos) documentais sobre artes e artistas. Evitando os “biopics” o festival privilegia produções autorais que abordam artistas menos conhecidos do grande público.

Os filmes apresentados no Brasil permitem vislumbrar diferentes pactos de filmagem entre os diretores e seus objetos de admiração. Todos eles parecem partir do princípio de que, quando se trata de filmar um artista, a contemplação edulcorante já era, é preciso recusar tanto a distância demasiado cômoda do olhar oculto quanto o excesso de intervenção. Porque dificilmente o artista se oferece como objeto de estudo ou de análise, tendendo sempre a barrar o gesto interpretativo. O cineasta que se propõe abordar esse animal indócil enfrenta tanto as inflações do ego quanto as esquivas, o questionamento incessante da própria imagem que se deseja produzir em torno dele. O documentário *Louise Bourgeois*, talvez o menos ambicioso na forma, realizado por Nigel Finch para a BBC, exhibe claramente esse embaraço. O filme é pontuado por momentos de forte tensão entre o diretor e a artista que não se furta em devolver ao diretor as perguntas que ela considera capciosas, inconsistentes. É interessante ver Louise, a rainha do discurso autobiográfico e subjetivista detendo as interpretações Nigel e saber que um de seus trabalhos mais emblemáticos, O arco da histeria, tem como modelo o corpo de um homem, o seu assistente Jerry Gorovoy.

Já o filme *James Benning Circling the Image* do diretor alemão Reinhard Wulf acompanha o trabalho de um dos mais ousados diretores norte-americanos em atividade. O filme acompanha Benning da Califórnia até Utah onde realiza as filmagens de *13 Lakes*. Benning vem realizando há várias décadas um trabalho sério e solitário que dissolve as fronteiras

entre o cinema e as artes plásticas, captando a potência dos lugares em longos planos sequência que colocam o espectador em contato com a pulsação das paisagens americanas. Na direção contrária da tendência das megaproduções com enormes equipes, Benning concebe o ato cinematográfico como algo solitário, um ritual solene, quase monástico de comunhão silenciosa com os espaços terrestres.

Bem diferente é *Paul Bowles - Let it Come Down* que nos lança numa série de associações para retratar o pensamento do escritor e compositor Paul Bowles. Mais conhecido entre nós como o autor de *O céu que nos protege (The sheltered sky)* – tornado célebre na adaptação de Bertolucci – publicado em 1954 e escrito em grande parte no deserto, onde os acontecimentos se desenrolam, foi um viajante inveterado e quando jovem frequentou o grupo de amigos de Gertrud Stein. O filme se tece a partir de entrevistas realizadas com Bowles na sua casa em Tanger, onde viveu a maior parte de vida. Consegue captar muito bem o espírito de Bowles, um transgressor não violento, ao mesmo tempo plácido e intransigente, alguém capaz de falar de si mesmo e da própria arte com uma lucidez tranquila, arrebatadora.

*Daniel Schmid – Le chat qui pense* de Pascal Hoffman e Benny Jaberg mostra a instigante trajetória do diretor suíço radicado na Alemanha, realizador de uma série de filmes exuberantes e de forte teor operístico. O filme aborda a inserção da obra de Schmid no contexto do cinema político alemão, sua colaboração com Ingrid Caven e a relação tumultuada com Fassbinder. Estréia da dupla Hofmann e Jaberg o filme inclui farto material de arquivo, e belos momentos como a cena em que Schmid e Fassbinder cantam Zarah Leander diante de Caven que os observa meio atônita. O filme traduz com precisão a estética decadentista e um tanto melancólica dos filmes de Schmid e consegue discutir os nexos entre esse cinema aparentemente desengajado e o cinema engajado alemão dos anos 60-70. Para o público brasileiro o filme é um convite à obra de um grande diretor ainda praticamente desconhecido entre nós.

Mas a melhor surpresa do festival é o ensaio poético *Boris Rhyzy*, sobre o poeta russo que se suicidou em 2001 aos 26 anos. “Todos os meus poemas são sobre amor e morte, não há outros temas” dizia Rhyzy em várias entrevistas. Além de poeta reconhecido e premiado em vida Rhyzy foi um boxeador e vivia bem de perto a criminalidade efervescente durante a Perestroika. Propondo-se inicialmente a tarefa ingrata (e aparentemente ingênua) de interrogar os motivos do suicídio de Rhyzy, a diretora Aliona van der Horst consegue com grande habilidade desarmar os clichês que envolvem o mito do poeta suicida. O filme desvela pouco a pouco o contexto sórdido da região do Ural onde Rhyzy vivia e de onde desentranhava seus poemas. O filme tem ainda o grande mérito de evitar o cotejamento esquemático entre matéria poética e a matéria vivida, criando uma atmosfera pesada e enigmática que envolve suavemente o espectador para conduzi-lo até o pequeno cemitério onde jazem vários dos seus colegas de escola, em luxuosas sepulturas de granito negro decoradas com seus retratos, em escala humana.

Há ainda um documentário sobre Glenn Gould, *Glenn Gould: au delà du temps*, elaborado a partir de precioso material de arquivo muitíssimo bem urdido por Bruno Monsaingeon. De certo modo, o filme de Monsaingeon – que além de diretor é violinista e já realizou documentários sobre outros grandes músicos do século XX – sintetiza a proposta do festival como uma plataforma de reflexões densas sobre artistas que, pela força de sua produção e pela forma como conduziram suas vidas, continuam a reverberar sobre nós e sobre nosso tempo. Nesse sentido, todos os seis filmes questionam a idéia de tempo com que opera a indústria cultural contemporânea, que torna tudo rapidamente obsoleto e descartável. Numa época como a nossa, em que a crítica de arte tende cada vez mais a ser mero guia de consumo, esses filmes devolvem complexidade ao campo artístico, revelando os contraditórios e inusitados processos geradores da arte que nos cerca.